

UMA RONDA PELO PETRÓLEO

Cabinda, 1968. Eram perto das dez da noite e José Fernandes, 30 anos, fazia a habitual ronda pela sonda KCA, uma plataforma petrolífera oceânica, na corrente do Rio Zaire. No horizonte, o Sol anunciava a sua retirada, embora ainda deixasse escapar alguns raios de luz. Ao subir aos depósitos, onde se armazenava o petróleo que era extraído, deu de caras com o inesperado. «Caramba, a saída do petróleo está a arder, o tubo está todo a abrir», gritou de imediato para alertar o chefe de rondas. A saída dos gases tinha uma ruptura e depressa se formou uma labareda que atingia uma dezena de metros, pelo menos. Ao descer para o centro da plataforma, expunha o receio em regressar ao topo da refinaria. «Meu rapaz, eu tenho família, não quero saber de grandes louvores que me dêem para ir lá tapar aquilo», disse para o colega, descartando-se de regressar àquele inferno. E então, ficou encarregue de entrar em contacto com o Malembo – o acampamento da empresa em terra – e o chefe das rondas procuraria pôr fim ao incêndio com a ajuda de um extintor. De pouco ou nada melhorou e as chamas continuavam a ameaçar toda a estrutura da sonda. Com receio de uma possível explosão, correu para a balsa que se situava junto à plataforma. Era uma embarcação larga, em tudo similar a um *ferry-boat*. Só lhe ocorria um pensamento: «se isto der para o torto, eu fujo daqui». Já dentro do barco, telefonou para o acampamento a pedir auxílio. Disseram-lhe para aguardar, que a ajuda já ia a caminho. Horas depois, chegou um helicóptero com os meios necessários para terminar com todo aquele aparato. Os técnicos fecharam a saída de gases e apagaram o incêndio. Tudo não passara de um enorme susto.

Os tempos do ouro negro

José trabalhou quase três anos nas plataformas petrolíferas de Cabinda, de 1967 a 1970 e nunca havia sentido tanto medo como naquele dia. Nem voltou a sentir, afinal estava cercado e dali não havia fuga possível. Na altura do incêndio, atingiu o limite: seis meses e dois dias sem vir a terra. A partir deste episódio passou a ser rigoroso nos turnos. Três semanas no mar, duas em terra.

Contudo, o seu maior desejo era abandonar o trabalho, mesmo que fosse labor bem pago. Mas as coisas não correram assim. Era o responsável pela cozinha e tratava

da alimentação dos colegas que trabalhavam na busca do ouro negro. Não desgostava do que fazia, mas concordava que aquele não era o melhor dos lugares para se estar. «Muitos foram os homens que acabaram no hospital por causa dos gases», explica. «Ainda sofro do estômago por causa disso.»

Quando não estava no meio do mar ou no Malembo, o jovem chefe de cozinha viva em Cabinda, numa casa que construiu com as suas mãos. Uma vivenda simples, que contava com um quintal onde havia um galinheiro e dezenas de mamoeiros e papaieras. Era cliente habitual do Café Sport, ponto de encontro central da cidade. Ali, reunia-se com os amigos para partidas de bilhar e cartas, por vezes a dinheiro. Contudo, ganhou fama por ter organizado diversas feiras populares, dentro do Estádio Nacional de Cabinda. Num único dia, dedicado ao lazer e união familiar, havia comes e bebes com fartura, acompanhados por uma banda local. «Enquanto eu tratava da comida, a Orquestra de Cabinda animava a festa», diz com um entusiasmo contagiante, reconhecendo que «era uma feira muito conhecida, até apareciam por lá o governador de Cabinda com o chefe da Polícia e o director das Finanças.» Dava trabalho, mas tinha vantagens: «Ali fazia-se bom negócio.»

O mundo é um lugar pequeno

Após mais de dois anos a trabalhar em Cabinda, decidiu mudar de ares. Partiu para Luanda para servir nas cozinhas de dois dos pontos mais finos da cidade: o Hotel Costa do Sol e o Restaurante Barracuda. Mais tarde, foi-lhe concedida a exploração do bar e restaurante do Clube de Caçadores. «Aquilo era conhecido em todo o lado e, ali sim, apareciam todos os ricos e poderosos de Angola», recorda, orgulhoso do culminar da sua vida naquele país.

Antes de viajar para os petróleos de Cabinda, em 1967, José trabalhara na Marinha Mercante. Foi em longas travessias em redor de África que conheceu países como Moçambique e Guiné. Depois de quase dez anos fora de Portugal, o 25 de Abril abriu as portas ao seu regresso. Por cá, empregou-se num pequeno café de um centro comercial no coração de Lisboa. Porém, fixou-se por pouco tempo na capital portuguesa. Certa tarde reencontrou um companheiro dos tempos do Malembo. Este, sem grandes demoras, soltou o convite. «Olha, tenho um trabalho para ti. Vais para Bagdade». José aceitou de imediato e partiu para o Médio Oriente. Fora contratado por uma empresa estrangeira como responsável de *catering*. Era sua função tratar do

serviço de alimentação dos empregados que se encontravam a construir os famosos túneis da capital do Iraque. A aventura ainda durou alguns anos, mas a Guerra do Golfo não deixou dúvidas quanto ao seu destino: «Quando aquilo começou realmente a aquecer, pirei-me de vez para Portugal.» E ficou. Mas é em Angola que tem sempre a cabeça. «As pessoas ali era mais prestáveis, mais simpáticas. A mim não podiam dar-me melhor música.» E nunca mais deram.

Ricardo Miguel Vieira